

O TÚMULO VAZIO
E OUTRAS HISTÓRIAS

O TÚMULO VAZIO

SÉRGIO LUIZ STAINSACK JR.

SÉRGIO LUIZ STAINSACK JR.



EDIÇÃO DO AUTOR
2014

Copyright © 2014 por Sérgio Luiz Stainsack Junior.

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, fotoquímicos, por fotocópia, magnético, gravação ou outro sem a permissão expressa do autor (Lei 9.610/98 – Lei dos Direitos Autorais – arts. 102-104 e 106).

Este é um trabalho de ficção. Todos os personagens e eventos retratados neste livro são ficcionais, e qualquer semelhança com pessoas reais ou eventos é puramente coincidência.

Capa: Sérgio Luiz Stainsack Junior

1ª edição, outubro de 2014

Er versank in düstre Träumereien...
Alles, das ganze Leben war ihm Traum und Abnung geworden...
E.T.A. Hoffmann

O TÚMULO VAZIO

ÍNDICE

O ROEDOR DIABO	09
O DEPOIMENTO DE RURIK DEXTER.....	21
NOITES COM SOL.....	39
DOPPELGANGER.....	49
SONHOS BRANCOS.....	55
HOMENS GRAVETO.....	67
A CASA ASSOMBRADA	73
A MULHER NA JANELA	81
O DIABO DENTRO.....	87
O TÚMULO VAZIO.....	99
O JARDIM OU O DIA DA COLHEITA	119
MORTIS SILENTIUM.....	131
AVE NOTURNA (O RELATO DE KARTER KNOX).....	135

APÊNDICE:

ES LASST SICH NICHT LESSEN.....	147
INFERNO (A COLHEITA - PRIMEIRA VERSÃO).....	159

O TÚMULO VAZIO

SÉRGIO LUIZ STAINSACK JR.

O ROEDOR DIABO



O TÚMULO VAZIO

O ROEDOR DIABO

*The features are all gone; there is only the
paleness of them left. And how looks it now?*

*There is no window! There is no face! An
infinite, inscrutable blackness has annihilated
sight! Where is our universe? All crumbled
away from us; and we, adrift in chaos, may
bearken to the gusts of homeless wind, that go
sighing and murmuring about, in quest of
what was once a world!*

Nathaniel Hawthorne

Quando abriu a porta da despensa não acreditou no que viu. Toda a comida esvanecera. As reservas de toda uma estação reduziam-se agora a montículos esparsos de farelo e plástico triturado. As prateleiras ou o que restavam delas, todas carcomidas, achavam-se roídas de lado a lado. Pairava sobre toda essa desordem um detestável odor de fezes e urina.

— Ratos! — vociferou. — Malditos ratos! — o grito rasgou o profundo silêncio que reinava pela casa, ecoando estranhamente aos ouvidos desconfiados e atentos.

Com o saco de compras ainda nas mãos fechou com raiva a porta da despensa e depositou os alimentos sobre a mesa da cozinha. Enquanto saía para fechar o carro e apanhar os

outros sacos notou novamente uma estranha sensação de inóspita calmaria.

Já à mesa, ao mesmo tempo em que contemplava todas aquelas sacolas com compras e retirava um saco de ração, finalmente percebeu: “Aonde foi se que meteram?”

Aquela hora, em outros tempos, deveriam todos estar ali, arranhando suas pernas, esfomeados, implorando aos seus pés. Cinco inúteis e preguiçosos gatos, que de fato nunca desejara ter, mas que por miséria o haviam escolhido. O que podia fazer? “Ao menos caçavam ratos”, consolava-se. Caçavam. Isso era antes.

Até aquele dia nunca tivera problemas com estes malditos roedores. Os felinos até que faziam uma razoável limpeza. Por isso, quando saía, sempre deixava uma das ventarolas abertas para que os gatunos pudessem entrar e sair à própria conveniência.

Dessa vez talvez se ausentara tempo demais, e sentindo-se abandonados, os bichanos simplesmente procuraram outro dono para importunar. “Afinal, um mês não é pouco tempo para bichos tão obcecados”, refletiu. Percebia, no entanto, que agora nem ao menos sentia o cheiro e a sujeira de sua habitual presença. Algo não estava certo.

Como sempre fazia após uma longa viagem, resolveu andar um pouco pela casa. A porta da cozinha, que dava acesso aos quartos, permanecia como antes, fechada. Girou a chave e adentrou no corredor. A escuridão era plena. Ritualmente foi abrindo uma a uma a fileira de portas, e a luz pouco a pouco iluminou o ambiente.

Notou então sobre a fina camada de poeira, ao chão, grandes e estranhos rastros. Uma linha central contínua entre marcas de patas de ambos os lados.

— Estes gatos! — disse de imediato. Porém, reparando melhor, achou algo distintas das pegadas de um felino comum.

Quando abriu a porta da biblioteca, ao final do corredor — biblioteca da qual sempre se orgulhara, afinal levava bons anos para alimentá-la e a custo de muito sacrifício —, uma nuvem de fuligem e fétida poeira cobriu-lhe o rosto. Ao aspirar aquele pó uma súbita crise de tosse obrigou-lhe a correr ao banheiro.

Só depois de limpar o rosto, e já controlada a crise, retornou lentamente à biblioteca. No ar ainda pairava a nauseante névoa de detritos. Seus olhos tentaram se esquivar do que a sua mente já sabia. “Os livros.” A fonte de suas tristezas e alegrias. A única beleza. A poesia. Redenção e esperança. Tudo agora reduzido ao seu inevitável destino antecipado: pó e ruínas!

Sam permaneceu calado. Aproximou-se mortificado das estantes e cuidadosamente um a um recolheu e salvou o que ainda restava. Mesmo os parcialmente destruídos, manchados de fezes e urina, transferiu-os todos a outro quarto provisório. Sem nenhuma reação ou palavra limpou tudo e selou como um túmulo profanado aquele quarto vazio e solitário.

Depois de se lavar, com freqüentes acessos de tosse, maquinalmente pegou a chave do carro e saiu.

No interior da casa desolada, imediatamente depois do carro lentamente se afastar, estranhos ruídos começaram abafados. Sombras passavam ligeiras no corredor. Toda a casa parecia viva.

Voltou um pouco antes do anoitecer. Quando desceu do carro, se por um lado seu vulto cambaleava hesitante, empunhava com determinada resolução uma garrafa e uma grande sacola nas mãos.

Quando ia depositar a garrafa sobre a mesa, em seu rosto, entre as espessas barbas, desenhou-se um riso amargo e vingativo. Na sua ausência haviam roído as sacolas que horas antes esquecera sobre a mesa.

Contemplando aqueles sacos recentemente esotraalhados, aquela comida diabolicamente contaminada, retirou da sacola as ratoeiras e iscas envenenadas, e com certo prazer depositou-as por toda a casa.

Quando chegou a noite, Sam jogou-se pesado em sua cama e rapidamente adormeceu, já imaginando aqueles imundos roedores deixando suas tocas, esparramando-se num vórtice de veneno e escuridão...

Ele corria por um estranho labirinto. Não se lembrava de como chegara até ali, ou do que se escondia. Sentia, no entanto, que algo o perseguia, ainda oculto, mas que logo o encontraria. Precisava correr, fugir, continuar sempre, achar uma saída daquele labirinto aparentemente sem-fim.

E assim prosseguiu, sem direção, perdido, sem saber se voltava sobre os próprios passos, se caminhava em direção do perigo, do caçador, ou se se aproximava da saída. Sim, havia um caçador. Sam o sentia cada vez mais perto. Não apenas estranhos ruídos, mas algo que o sufocava, como se roubasse ou contaminasse com sua pestilência, à medida que se aproximava, o pouco ar que respirava.

Correu, correu, já não tinha mais forças, não ousava olhar para trás e desviava os olhos do caminho à sua frente. Andava cabisbaixo, como um cego em direção ao precipício. Chegou por fim numa barreira intransponível — era um beco sem saída. Tinha medo de retornar. Encolheu-se num canto e ficou em silêncio.

Sentia que algo caminhava lentamente ao seu redor. Algo que *sabia* perfeitamente os caminhos do labirinto, que conhecia a sua entrada e a saída, mas que decidira por vontade própria, mergulhar na vastidão daquelas ruas, à procura de seus rastros.

Sam o sentia mais próximo, roçando seu pesado corpo contra as finas paredes. Finalmente ganhou um pouco de coragem e olhou para o alto. No céu, um negrume fétido pegajoso escorria entre as estrelas, encobrindo-as como um véu de escuridão.

E então ele viu: de cócoras, contra o plúmbeo céu noturno, uma colossal forma negra com olhos de sangue aproximava mortalmente seu focinho podre e nauseabundo, por onde se desprendiam, putrefeitos, gigantescos dentes como chifres de marfim.

Acordou de forma abrupta, sufocando. Não podia respirar. Tossindo arrastou-se ao banheiro onde vomitou uma gosma esbranquiçada e mal-cheirosa. Lavou o rosto ainda pálido e automaticamente abriu a janela por onde penetraram os primeiros raios de sol. Amanhecera.

Embora não se sentisse muito bem, e ainda com as terríveis impressões do pesadelo, a primeira coisa que fez foi checar as armadilhas e ratoeiras. “Intocadas!” Nem ao menos uma pequena mordiscada ou marcas de patas ao seu redor. Era como se soubessem do veneno. “Teriam tanta inteligência assim?”, pensou sombrio. Talvez na próxima noite tivesse mais sorte.

Certa vez lembrava-se de ter lido algo a respeito da “esperteza” dos ratos, do seu comportamento e seus sentidos apurados, mas já não se lembrava de quase nada. Sabia que

possuía um livro sobre o assunto... Quando ponderou assim, abateu-se profundamente. Seus livros esvaçados, roídos por aquela maldita praga que decidira de uma hora para outra atormentá-lo, destruí-lo.

Não desistiria tão fácil. O restante do dia passou debruçado sobre os destroços dos livros, remendando-os, lamentando o que era irremediável. Em certa altura, deparou-se com um volume curiosamente bem preservado — era a tal História sobre ratos. Triste coincidência.

Novamente o “mágico do destino” ressurgia (como em outras circunstâncias de sua vida), com suas misteriosas brincadeiras mordazes, apenas para zombar daqueles pobres mortais.

A primeira reação do homem foi lançar longe o volume maldito, bravejando vitupérios a deuses e demônios por piada tão sem graça.

Não durou poucos segundos, se arrastou tossindo pelo chão, e resignado passou boa parte do dia, ali mesmo, sentado nas tábuas empoeiradas, consumindo as páginas de assunto tão desagradável.

Adormeceu. Naquela noite a febre o visitou pela primeira vez. À leitura ainda não digerida, sonhou com pestilentos bigodes sensoriais roçando-lhe o rosto; dentes incisivos que nunca paravam de crescer; longas caudas peladas e frias arrastando-se por corredores empoeirados; patas deslizando sob grandes águas profundas; cadáveres humanos empestados sendo lançados por sobre muros de pedra. Tudo ao som de roedores que trituravam tábuas, tijolos, paredes, fios, o chumbo!, as estruturas do mundo inteiro como uma sinfonia infernal e destruidora. Depois esgotos, córregos, rios,